**O Processo de Leitura e escrita no primeiro ciclo do Ensino Fundamental nas Escolas Municipais de Marabá-PA.**

**Raimunda Sousa da Silva**

**Resumo**

 O presente trabalho pretende analisar a eficácia da metodologia Ferreiriana no contexto escolar. Onde podemos conhecer, identificar e interpretar os caminhos percorridos em busca da compreensão e da prática da leitura e da escrita no ensino fundamental do 1º ciclo.

 A proposta pedagógica parte do princípio, que a construção de uma educação básica, seja voltada para a cidadania, em que não se propõe apenas garantindo a oferta de vagas, mas levar um ensino com a qualidade na práxis, e minimizar o fracasso escolar, através de formação continuada. Em vista de tal problemática vivenciada nas escolas Municipais de Marabá, estão sendo superada com muito desempenho dos professores, para melhorar a qualidade do ensino. A função desse trabalho é de compreender as concepções educacionais sobre o processo da leitura e da escrita, e assim procuramos subsídios através de alguns teóricos. Para entender o processo de aquisição da leitura e escrita do ponto de vista dos alunos, os estudos foram embasados através da pesquisadora Emilia Ferreiro e Ana Teberosk..

 Percebe-se que há muito que ser realizado no ensino da alfabetização, principalmente no que tange ao ensino envolvendo a práxis problematizadora do educando, ou melhor, resgate de valores que priorize sua auto estima em sala, bem como usar metodologias diversificadas e inovadoras.

**Palavras-chaves :** alfabetização, Psicolinguística, Construtivista.

**Introdução**

O processo de leitura e de escrita nas escolas é algo que deve ser visto, pensado e repensado nos diferentes aspectos, nas diferentes perspectivas, mas existem partes que são trabalhos e considerando, que se trata de aquisição de leitura e escrita, que se dá de forma produtiva, dinâmica e dialógica, principalmente, que ela acontece mediante todos os contextos de relação e interação social que desenvolve os sujeitos (alunos).

É sob esta perspectiva que elencaremos este trabalho desenvolvendo argumentos que enfatizam o processo de leitura e escrita, delineando a produção do conhecimento. A democratização da leitura e da escrita é uma necessidade da escola em erguer com o compromisso de formar cidadãos, consiste também em formar leitores, pois sabemos que as práticas de leitura devem se desenvolver de uma forma crítica reflexiva, e prazerosa, onde cabe ao professor promover situações de aprendizagem, onde os alunos venham a ter contato com a leitura através de diferentes gêneros, estimulando os leitores a terem autonomia, a terem visão maior do mundo a sua volta, de estabelecer uma relação do que ele faz na escola, que este se torne social e capaz de constituir um pensamento a partir dos conhecimentos adquiridos.

É relevante a situação educacional hoje onde a mesma encontra-se vinculada a métodos construtivista e interacionista, sendo assim a , com ensino da decodificação, codificação e de diversos gêneros textuais, para a formação dos estudantes. E a partir destas pesquisas destacaremos informações científicas, impressos, notícias, diferentes tipos de textos de gêneros diferentes, enfim o uso de materiais junto com o planejamento pedagógico. O professor é a principal ferramenta deste contexto escolar, para o melhoramento da qualidade de ensino, e os mesmos tem formação continuadas, para aprimorar os conhecimentos.

Nesta perspectiva podemos entender a leitura como um acontecimento prazeroso de satisfação, dentre outros argumentos, como de uma sociedade melhor mais justa e igualitária sendo a escola um papel essencial neste processo.

 **ALFABETIZAÇÃO: UMA ABORDAGEM REFLEXIVA A CERCA DO PROCESSO DA CONCEPÇÃO DA ESCRITA E DA LEITURA.**

A alfabetização de uma maneira geral tem sido uma questão bastante discutida, principalmente pelos profissionais de educação, por se observar ainda uma grande dificuldade na aprendizagem da leitura e da escrita da criança. Atualmente esta questão vem recebendo atenção especial principalmente se considerarmos como o aprendizado de leitura e da escrita, mas a importância de todo o seu contexto sociocultural, histórico e econômico, o qual está inserido o sujeito, tendo como base o contexto de letramento muito defendido por MAGDA SOARES, (2004), que dá ênfase a discussão da importância de uma alfabetização voltada a um contexto, onde a leitura e a escrita tenham sentido com o real. É preciso defender a importância da linguagem relacionada também, as bases naturais da criança e a estimulação da aquisição desta linguagem levando-se em consideração processos básicos essenciais para o seu desenvolvimento.

Torna-se essencial perceber que todas estas preocupações, não são recentes, vários teóricos discutiram, e vem discutindo a importância de ver a criança não como uma tabula rasa, ou como um adulto em miniatura, mas como um ser em construção. Observando também o importante papel da escola no desenvolvimento continuo do sujeito para a transformação, a formação de um sujeito critico e reflexivo da sua realidade. Todo este contexto deve estimular o conhecimento, a criança deve buscar constantemente o seu aprendizado orientado pelos seus estágios de desenvolvimento em que as crianças estão inseridas.

A alfabetização das crianças de 0 a 8 anos, deve levar em consideração as ideias que a criança já adquiriu sobre o processo da escrita e da leitura antes de ser inserida no ambiente escolar. Na sala de aula, atividades estimularão o processo de ensino-aprendizagem oportunizando avanço na concepção do sistema escrito e oral.

Inicialmente a diferenciação dos traços do desenho, aos poucos vai se estabelecendo critérios quantitativos e qualitativos das letras e relacionada a formação das palavras, vão também se estabelecendo as relações entre a escrita e o som imagens e palavras. Porém cabe aqui ressaltar que de uma maneira geral, todos estes conhecimentos, hoje possíveis, devem-se a Emília Ferreiro e Ana Teberosky, que possibilitaram na década de 70 a construção de uma didática da alfabetização, considerando a criança como um ser que constrói conhecimento.

Uma das grandes pesquisadoras que discute os processos da língua escrita é a psicóloga e a psicolingüística argentina Emília Ferreiro que concentra suas pesquisas em mecanismos cognitivos relacionado a leitura e a escrita comprovando o importante papel que a criança, tem na construção de seu próprio conhecimento. Assim diferente do que ouvimos dizer Emília Ferreiro, não desenvolveu um método, mas observou como se realiza a construção da linguagem escrita, ela percebeu, que a criança reinventa a escrita do jeito que entende.

As perspectivas que norteiam o processo da alfabetização de acordo com Cagliari (1997), a exemplo da abordagem psicológica que se direciona as condições previas para a aprendizagem da leitura e da escrita; da psicolinguística que caracteriza a maturidade linguística, que concebe a alfabetização como um processo de transferência da forma sonora para a forma gráfica da escrita. Assim as crianças terão não somente que compreender, mas entender os elementos da linguagem oral e escrita apropriando-se desta nova-aprendizagem.

O processo de alfabetização perpassa por vários fatores, desde o seu desenvolvimento emocional, social da natureza linguística que está inserido, da relação escola e sociedade, pois o trabalho de alfabetização não se restringe apenas a sala de aula, mas em qualquer ambiente que ensina a importância e a interação da criança como o meio.

**AS CARACTERÍSTICAS DO MODELO CONSTRUTIVISTAS.**

Para desenvolver um modelo construtivista de ensino aprendizagem, é necessário construir situações de aprendizagem, configurar fontes de informações para resolvê-las, observar como os alunos se deparam com problemas e dialogar para conseguir que os alunos incorporem mais de uma alternativa.

O ensinar é também um processo de aprendizagem, poderíamos afirmar que, no modelo construtivista de ensino, as estratégias e o ambiente que se desenvolvem são diferentes modelos de melhorar a qualidade de ensino.

Essa diferença consiste em uma série de princípios mais do que em estratégias concretas de ensino que são:

* Construtivista é teórico – que consiste em orientar as estratégias de ensino em função da convicção dos professores de que seus alunos não partem do zero, sim de que tem conhecimentos prévios construídos, a partir dos quais se devem criar pontes para as novas aprendizagens.
* Propor problemas e tarefas relativamente exigentes e para as quais os alunos ainda não têm respostas. Eles vão construindo as respostas durante o processo de aprendizagem em função das situações-problema a resolver.
* Oferecer ajuda ao aluno sobre como proceder. É importante levar sempre em consideração o ponto de vista do aprendiz e facilitar sua expressão através de perguntas que lhe permitam refletir.
* Orientar a promoção de atividades conjuntas entre os alunos, em duplas ou em pequenos grupos que facilitem o intercâmbio e a discussão entre os companheiros, para que aprendam uns com os outros.
* Apresentar o professor como modelo de interpretação e de produção de escrita, que transforma o escrito em objeto simbólico e explora toda sua riqueza cultural.

A contribuição construtivista pode afirmar que é uma evolução na aprendizagem, que as crianças devem construir cada tipo de unidade, sejam fonemas, frases ou textos, tendo cada um deles problemas e características especificam. Por isso, para o enfoque construtivista, é importante trabalhar, desde o primeiro ano do primeiro ciclo do ensino fundamental com os diferentes tipos de unidades linguísticas.

**O AMBIENTE, MATERIAL E SOCIAL E O PAPEL DO PROFESSOR NA SALA DE AULA.**

Podemos enfatizar que o papel do professor, como organizador de um ambiente rico em material, que venha atrair a criança, para o mundo da leitura e da escrita, é de grande valia, pois estará proporcionando aos seus alunos, um bom aprendizado. Podendo estar colocando materiais ricos em elementos escritos representando o cotidiano extraescolar, envolvendo sua cultura. Devemos selecionar folhetos, cartazes escritos domésticos com textos curtos que venha facilitar a criança desenvolver o processo construtivo da escrita e alfabetização os materiais deverão ser substituídos conforme o conteúdo das atividades de aprendizagem.

Segundo a autora Teberosky (2003, 109), além dos escritos da vida cotidiana, temos também os suportes próprios do mundo da escrita: Livros, jornais, revistas, etc. Não apenas englobamos os livros de ficção, mas também as enciclopédias, os dicionários, os atlas, suportes comerciais, bem como os textos produzidos pelas próprias crianças em sala de aula. A presença do material faz com que a criança interaja, e aprenda com mais relevância desenvolvendo um aprendizado significativo e prazeroso na produção da escrita. Devemos realizar ditado com titulo de histórias conhecida pelas crianças, desenvolver reescrita, faz parte do recurso não podendo virar rotina, a participação em leituras compartilhada é de grande importância no desenvolvimento da linguagem escrita. Com isso aprendendo a relação entre a escrita e a leitura, incentivando o educando a produzir o texto a ser escrito.

Podemos observar que a qualidade das relações afetivas entre pais e filhos, desempenha um papel importante no desejo de aprender, as crianças que têm atenção da família na vida, são as crianças que mostram mais desempenho pela escrita, desenvolve com mais facilidade suas habilidades em sala de aula.

**A construção do conhecimento sobre a escrita, e as crianças como construtoras de hipóteses.**

 No momento em que se passa a educação, com as vantagens e dificuldades que caracterizam um momento de transição, de transformação de ideias e praticas cristalizada ao longo de muitos anos.

 Esta construção não depende da metodologia usada para ensinar. Para aprender ler e escrever, o aluno precisa construir estas interpretações, essas hipóteses, e isto pode acontecer mesmo quando o professor trabalha com silabas, se o professor leva isto em conta e se o ensino dialoga com essa construção, aprender fica mais fácil e a ser mais agradável. Sabe-se, no entanto, o ensino vai em direção de uma ampla e construtiva interação entre códigos puros e simples.

 Ao depararmos com as situações de leitura e de aprendizado das crianças de como é dada esta feita e de como a criança constrói este conhecimento, onde requer uma continuidade reflexiva de ações, onde se considera um ato construtivista onde se faz o uso de vários sistemas de transmissão de informação como, por exemplo, o professor, ou seja, o mediador entre este processo de aprendizagem, para ter um domínio do sistema de aprendizagem, logo gráfico alfabético e ortográfico.

 A habilidade de leitura em que se encontram no inicia da alfabetização. Sustenta-se a hipótese de que há discrepâncias entre as habilidades de ler e escrever, nas diferentes etapas de aprendizagem da língua escrita, e na compreensão de palavras na aquisição do principio alfabético para ler do que para escrever.

 Ler e escrever podem ser vistos como processos distintos, que apresentam exigências diferentes ao mecanismo cognitivo do individuo, embora todos os operem sobre o mesmo código alfabético. Vários pesquisadores alguns desempenhos encontrados na aquisição da escrita na fase inicial do desenvolvimento das crianças nas fases iniciais da alfabetização bem como o processo de aprendizagem da leitura. Neste item destacaremos como as crianças desenvolvem seu sistema de organização do material gráfico em função de aprender.

 Segundo ANA TEBEROSKY e COLOMBER ( 2003 ), a evolução do conhecimento do nome próprio da criança e primeiramente o primeiro nome em que a criança se identifica pois faz parte do contexto familiar e por não ser um nome comercial, e que trás informação importante para aquisição da leitura e da própria escrita, alem de ser uma aquisição centrada na perspectiva construtivista no processo de construção do seu conhecimento.

 Para TEBEROSKY e COLOMBER a singularidade entre aprender a escrita e a leitura desta escrita pode obter um resultado a qual se tem em quatro partes.

1. A construção das hipóteses que a conceituação da escrita.
2. O desenvolvimento das hipóteses relacionadas ao material concreto ou seja da escrita como ela é interpretada.
3. As hipóteses passam a terem respostas de problemas conceituais dando sentido as repostas dando lugar a uma aprendizagem normativa.
4. O desenvolvimento do lugar as novas construções dando lugar a forma e o significado do signo.

Como é demonstrado nas investigações de TEBEROSKY e COLOMBER assim como em outros âmbitos, no âmbito da língua escrita, que a criança é sujeito ativo onde se depara com a realidade, construindo assim conhecimento, e criando teorias, hipóteses, comparando-as entre se e modificando-as de acordo com suas necessidades.

Segundo TEBEROSKY (1991) investigações recentes demonstram que a aprendizagem da escrita não é uma tarefa simples para a criança, pois a mesma requer um processo complexo de construção, onde algumas de suas ideias, ou seja, de sua hipótese não se referem ao significado das letras, mas sim como plano gráfico que dizem respeito que as letras combinam entre si.

Os princípios organizadores básicos para a criança é o principio da quantidade mínima que é de caracteres, onde permite que a criança de uma forma progressiva ter, ou fazer uma diferenciação do material impresso como sendo apenas letras, algo que servem apenas para ler, suas hipótese são construídas durante a alfabetização inicial da criança.

TEBEROSKY e COLOMBER p.47,2003 diz que: A criança se esforça, para encontrar regularidades de composição na escrita sob o ponto de vista gráfico e assim descobre a serie de letras podem servir para ler.

Para as autoras a medida em que uma criança passa a entender quais são as condições gráficas para realizar a leitura e a compreender esta grafia elas descobrem que é possível ler e entender o que esta escrito.

E a através da construção das hipóteses que as crianças passam diferenciar o material gráfico, umas das primeiras ideias da criança se da a partir de substantivos e nomes próprios e a quilo que esta escrito.

Inicialmente é preciso lembrar que os nomes de pessoas relacionam-se com a cultura na qual elas estão inseridas. Assim como outras manifestações, eles fazem parte da identidade cultural do individuo que nomeiam.

No dizem respeito a aprendizagem ao nome como conteúdo de aprendizagem podemos dizer que: É preciso levar em conta que ele desempenha um papel importante no processo de alfabetização. Ou seja, quando as crianças começam a tentar entender qual é a forma especifica de representação da escrita, a primeira hipótese em que as desenvolvem é o protótipo do que se escreve, são nomes de pessoas o seu nome próprios (pessoas e coisa) quando a criança se depara com textos inevitavelmente começam a pensar no que esta escrita cuja a fonte de referencia costuma, ser as hipóteses dos nomes de qualquer objeto.

Algumas pesquisas têm buscado, hoje desenvolver procedimentos para as avaliações de leitura, escrita e habilidades relacionadas, bem como as intervenção em dificuldades com linguagem escrita, especialmente manipulação e transposição silábicas e fonêmicas, e a capacidade da criança de refletir sobre a sintaxe da língua, o que as mais fortemente correlacionadas com a habilidade de leitura.

Uma das primeiras funções atribuídas a escrita e a leitura: a de representar os nomes para que possa denominar alguns objetos tais como: objetos, pessoas, animais e coisas. As crianças concebem a função da escrita em oposição atribuída ao desenho. Diferentemente do desenho que representa objetos, as letras representam a propriedade que o desenho não pode representar seus nomes o que temos denominados hipóteses do nome(FERREIRO e TEBEROSKY, 1979) citados em Ana Teberosky e Tereza Colomber 2003.

Para as autoras a leitura acima de tudo é um ato compreensivo de ensinar a decodificação de signos as quais são atribuídos as pessoas, objetos desta forma atribuindo a estes nomes aos quais já são atribuídos soluções para os problemas encontrados na decifração dos códigos onde a criança passa a diferenciar o desenho das letras e dos objetos.

Teberosky e Colomber 2003 p. 50, afirma que no campo do escrito, a informação sintática serve para distinguir entre designar um desenho (em resposta á questão o que é isto) e designar o escrita com o nome deste desenho.

As autoras destacam a função lógica da leitura e da escrita, como sendo respostas dadas a situações que parte da vida cotidiana, para desenvolver aquisição da descoberta do mundo que o rodeia, através do ato da leitura.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O processo de construção da leitura e da escrita, na alfabetização tem provocado inúmeras discussões em vários departamentos relacionados à área da educação. Por isso, procuramos refletir sobre a prática do ato de ler e escrever, possibilitando um melhor aprofundamento teórico, para o desenvolvimento cognitivo dos nossos alunos.

Para compreendermos o processo da leitura e da escrita, e sua evolução procuramos entender as hipóteses educacionais, através da contribuição de alguns teóricos. Neste sentido constatamos, que a visão do que é alfabetizar, vai muito além do que pensamos.

Após ter concluído a pesquisa, que nos proporcionou subsídios teóricos, para aprimoramento deste artigo, observo que a rotina pedagógica dos professores, deve ser dinâmica e inovadora, com leitura diariamente, para estimular as crianças em sala de aula. Dessa forma, os alunos obtém o prazer de desenvolver a leitura e posteriormente a escrita.

**Referências Bibliográficas**

**BARBOSA**, José Julvêncio. Alfabetização e Leitura. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1994.

**CAGLIARI**, Luiz Carlos. Alfabetização eLingüística. 7 ed. São Paulo: Scipicione, 1994.

**FERREIRO. Emilia**. Alfabetização em Processo. São Paulo: Cortez, 1997..Comtodas as **l**etras. São Paulo: Cortez, 1996.

**SILVA, Ezequiel Teodoro**. Elementos de Pedagogia da Leitura. São Paulo: Martins Fontes, 1998. O Ato de Ler, Fundamentos para uma Pedagogia da Leitura. Contexto, 1992.

**FERREIRO, E. e TEBEROSKY, A .** (1991). *Psicogênese da língua escrita*. 4ª edição.

**TEBEROSKY,** Ana. Aprendendo a escrever. São Paulo, Ática, 1994.

**VYGOTSKY, L. S. A,** Formação Social da Mente. SP: Editora Martins fontes 1989

**TEBEROSKY, A.** Psicopedagogia da Linguagem Escrita. Petrópolis, Editora Vozes, 2002.